

# "Roadshow" do Brasil atrai administradores de recursos

## Os analistas ouviram exposição de várias empresas brasileiras

por Maria Cristina Carvalho  
de Londres

O impacto da seca brasileira na venda de fertilizantes, os efeitos da defasagem entre a taxa referencial (TR) e a Unidade Fiscal de Referência (Ufir) nos balanços, os reflexos da nova política cambial nas exportações e as distorções da cadeia de preços dos petroquímicos no Brasil.

Questões tão específicas e objetivas como essas foram levantadas pelos analistas de administradores de recursos de terceiros e de investidores institucionais, baseados em Londres, reunidos pelo banco de investimento Garantia para ouvir exposição dos dirigentes da Bahia Sul, Copene, Duratex, Fosfertil e Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL).

Realizado apenas dois dias após as eleições presidenciais, o "roadshow" das empresas brasileiras atraiu cerca de cinquenta analistas de grandes administradores internacionais de recursos de terceiros. Entre os pesos-pesados presentes estava a responsável pelo Brasil da Foreign Colonial Emerging Markets, que administra US\$ 3,25 bilhões em recursos de terceiros destinados exclusivamente aos mercados emergentes, dos quais US\$ 450 milhões estão aplicados na bolsa e mais US\$ 150 milhões na renda fixa do mercado brasileiro.

Outro grande administrador de investimentos presente era o Mercury Asset Management, associação entre a holding do grupo S. G. Warburg (75%) e

Tim Love, especialista em América Latina. O Mercury administra US\$ 80 bilhões de terceiros, dos quais US\$ 700 milhões estão na América Latina.

Participaram também analistas do Genesis, Fleming, fundos de pensão como o Postel e até de instituições da Holanda e da França. O nível das perguntas revelou não só o interesse pelo Brasil como também um profundo e crescente conhecimento das empresas brasileiras e do ambiente econômico em que vivem. Demonstra ainda uma importante mudança na forma de atuação do investidor estrangeiro no Brasil: "Acabou-se o tempo em que o estrangeiro entregava o dinheiro para bancos ou corretoras brasileiras aplicarem onde achassem melhor. Agora, eles mesmos definem em quais papéis querem investir", afirmou Roger Wright, diretor do Garantia.

Wright estima que dos US\$ 20 bilhões de capital estrangeiro que estão investidos no Brasil, apenas cerca de US\$ 500 milhões são administrados por instituições brasileiras. O investimento do restante é definido pelas instituições estrangeiras especializadas ou pelos próprios aplicadores. Isso explica a grande estrutura dedicada a mercados emergentes que esses grandes administradores criaram.

### Países exóticos

A Foreign Colonial, por exemplo, tem em Londres cinquenta analistas dedicados a mercados emergentes, do Brasil a países exóticos como

Zâmbia, Zimbábue e Tunísia. A Barings possui em Londres um especialista para cada país em que opera, mas opta por fazer as pesquisas de mercado no local, e só na América Latina investiu em seis escritórios. O Mercury possui time de trezentos analistas, o que não impede a empresa-mãe Warburg de manter cinco pesquisadores em Nova York cuidando da América Latina, além de onze analistas especializados em setores da atividade econômica a nível mundial.

Todo esse batalhão de analistas despeja diariamente no mercado seus relatórios diários, semanais, mensais e trimestrais, investindo grandes quantias em publicações bem cuidadas e fartamente ilustradas por gráficos e tabelas. Inclusive bancos e corretoras brasileiras passaram a oferecer esse tipo de serviço para o investidor estrangeiro.

Uma versão bastante sofisticada desse serviço é o "roadshow" que o Garantia organizou, aproximando empresas de investidores. "Escolhemos cinco empresas interessantes dentro do contexto macroeconômico e organizamos o evento. É mais fácil trazer as empresas para cá do que levar tantos analistas ao Brasil", disse Wright. As empresas pagam os gastos com a viagem e o Garantia cuida do evento e apresenta suas análises sobre as apresentadas.

### Lançamentos de títulos

O mesmo evento foi repetido em Nova York, ontem. Muitas dessas empresas têm interesses de curto e médio prazo no mercado internacional, pois planejam emitir bônus ou ações. Por isso pretendem tornar-se mais conhecidas do investidor estrangeiro. E o Garantia tam-

bém tem interesse de participar desses eventuais futuros lançamentos de títulos. A Bahia Sul Celulose declarou-se claramente interessada em fazer uma emissão de bônus globais conversíveis até o final do ano. Seu diretor financeiro, Hélio Blak, até dimensionou a operação: de US\$ 80 milhões a US\$ 100 milhões com prazo de dez anos.

Ele também teve que explicar aos analistas que a valorização do real afetou sua receita pois vende 75% da produção ao exterior, esclarecendo que o problema foi compensado pela alta dos preços no mercado internacional. A Copene, que já fez quatro lançamentos de eurobônus entre 1991 e 1993, dois dos quais ainda não venceram, e emitiu American Depositary Receipts (ADR), negociados no mercado de balcão norte-americano, acenou que poderá voltar ao mercado quando a venda da participação da Petroquisa for retomada, dentro do programa de privatização.

Seu diretor financeiro, Wong Shin, teve que explicar o impacto no balanço da atualização de dívidas pela TR frente à correção dos ativos pela Ufir. Também uma eventual privatização é um dos motivos aparentes da apresentação da Companhia Paulista de Força e Luz, cujo diretor financeiro, José Vasconcelos da Cunha, esclareceu a estrutura de preços do setor, no Brasil.

A Fosfertil revelou que tem planos de aumentar a capacidade de instalada e precisará para isso de cerca de US\$ 40 milhões, e seu principal executivo, Mário Barbosa, disse que a seca não afetou as vendas da empresa porque elas são acertadas em contratos, com antecedência, e discutiu o preço FOB, em Uberaba, dos fertilizantes.